

Direcção
José Eduardo Franco
José Augusto Mourão
Ana Cristina da Costa Gomes

DICIONÁRIO
HISTÓRICO DAS
ORDENS
E INSTITUIÇÕES
AFINS EM PORTUGAL

Com o Alto Patrocínio da Presidência da República

gradiva

TÍTULO

DICIONÁRIO HISTÓRICO DAS ORDENS E INSTITUIÇÕES AFINS EM PORTUGAL

DIRECÇÃO

José Eduardo Franco

José Augusto Mourão

Ana Cristina da Costa Gomes

REVISÃO

Cristiana Lucas Silva

Luís da Cunha Pinheiro

Paula Cristina Ferreira da Costa Carreira

Susana Mourato Alves

EDIÇÃO

Gradiva Publicações, S. A.

1.ª edição: Maio de 2010

DESIGN GRÁFICO E PAGINAÇÃO

Artlandia Design

IMPRESSÃO

Norprint – Artes Gráficas, S. A.

TIRAGEM

2500 exemplares

DEPÓSITO LEGAL

310 021/2010

ISBN

978-989-616-369-3

dedicando-se antes à pastoral e ao voluntariado social. Esta fundação inicial deu o mote para o surgimento de mais dez casas da Congregação, a saber: vila de Óbidos (1952), no Hospital da Misericórdia; Alcobaca (1955), no Hospital da Misericórdia local; Alhos Vedros (1956), num lar de terceira idade e, igualmente, no Hospital da Misericórdia dessa vila; Fátima (1957), na Casa de Peregrinos Beato Nuno, Padres Carmelitas; Caldas da Rainha (1958), no Hospital da Misericórdia; Santarém (1958), no Abrigo Antituberculoso; Fátima (1959), fundando uma casa de acolhimento e espiritualidade para irmãs; Rio Maior (1978), dedicando-se inicialmente à pastoral, ao ensino e à enfermagem e exercendo, actualmente, a pastoral e o voluntariado social; Fráguas, em Rio Maior (1984), dedicando-se ao ensino e à pastoral; Arruda dos Pisões (1989), com funções de pastoral e voluntariado social. Na actualidade, subsistem duas comunidades de presença religiosa, a saber: em Rio Maior e em Vila Franca de Xira. Merece destaque, ainda, uma terceira casa vocacionada para retiro espiritual e para descanso, em Fátima.

O carisma da Congregação das Irmãs Carmelitas do Sagrado Coração de Jesus fundamenta-se, essencialmente, nos princípios que presidiram à sua fundação por parte da Madre Asunción Gimeno. Estes concretizam-se na vivência quotidiana da Congregação que, permanentemente, os actualiza através da atitude orante e contemplativa, vivendo de forma humilde e despojada, fiel à Igreja e à sua missão no mundo, solidarizando-se evangélicamente com os mais pobres e comprometendo-se na sua libertação e salvação. Cinco princípios fundamentais orientam a vocação e a missão destas Irmãs na sua missão evangélica no mundo: fraternidade, contem-



Encenação da adoração dos pastores, com as crianças da catequese (I)

plação, devoção mariana, entrega abnegada e amor à Igreja. Por fraternidade, entende-se assumir a missão da promoção da união fraterna em consonância com a experiência histórica da sua Fundadora e da Ordem Carmelita, que, obedecendo ao desígnio de Deus, postula a vivência fraterna de cada homem em relação ao seu semelhante. Pelo princípio da contemplação, a Congregação direcciona a vivência das Irmãs para a comunhão com Deus através do amor que o seu Espírito depositou nelas. A especial

devoção à Virgem Maria, como aliás é apanágio da Ordem Carmelita, estimula as Irmãs a viverem segundo o exemplo virtuoso de vida de Maria, participante nos mistérios da vida de Jesus Cristo. A sua entrega abnegada aproxima as Irmãs do exemplo de vida de Cristo, na sua total confiança e abandono à vontade de Deus. Disponíveis para servir os irmãos em Deus, as Irmãs assumem-se livres frente aos condicionalismos do poder e dos bens materiais terrenos. Finalmente, o seu amor à Igreja leva as Irmãs a uma entrega incondicional e permanente ao serviço da sua missão, difundindo e anunciando, sempre preferencialmente entre os mais carenciados, a gratuidade do Evangelho. A Congregação das Irmãs Carmelitas do Sagrado Coração de Jesus não possui nem financia obras próprias. A sua actividade processa-se em igrejas locais, através dos diversos apostolados e em colaboração com os planos pastorais das igrejas, nos diferentes países, nos quais exercem a sua missão. Actualmente, e dado o processo de secularização das sociedades, especialmente as ocidentais, a vocação para a vida religiosa tende a diminuir, contribuindo dramaticamente para a escassez de novas candidatas ao Noviciado na Congregação. Embora na América e na África esta situação seja menos grave, as Irmãs reconhecem que o número de religiosas na Congregação não é o desejável para poderem responder às necessidades que a sua vocação e missão lhes ditam. No entanto, e contornando as dificuldades que sentem actualmente, graças a uma certa liberdade que o facto de não possuírem obras próprias lhes proporciona, as Irmãs de Madre Asunción Gimeno têm conseguido adaptar-se às situações mais cambiantes e adversas da actualidade, sempre confiantes que o exercício do carisma da sua Congregação acabará por prevalecer e florescer, no exemplo de vida que as Irmãs comunicam nas suas obras de entrega apostólica aos seus semelhantes.

O período de maior expansão e implementação da Congregação em vários países regista-se a partir da década de 40 do séc. XX até, sensivelmente, à data do falecimento de Madre Asunción Soler Gimeno, já perto da década de 60. A Congregação vê as suas casas proliferarem e ramificarem-se, quase atingindo o número de 130 fundações, em continentes tão diferenciados como a Europa (Espanha, Portugal, França, Reino Unido, Itália ou Bélgica) e a América (Cuba, República Dominicana, Venezuela), sem esquecer o continente africano, com representação em Moçambique.

BIBLIOGRAFIA: AA.VV., "Comunidades Carmelitas em Portugal", in *Carmelo Lusitano*, n.º 6, Lisboa, 1988, pp. 83-86; *Anuário Católico de Portugal 2007*, [Lisboa], Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2007, p. 888; EVANGELISTA, Maria Ortiz, *Testamento Espiritual de la [...] Madre Asunción Soler Jimeno (1882-1959)*, Onda, Castellón, 1967; FITA,

Jaime Sanmartín, *Uma Futura Santa*, Quart de Poblet, s.n., 1973; LARA, Mons. Rafael Alvarez, *Assunção Soler: Una Vida Segundo o Espírito*, Madrid, s.n., 1987; MARTINEZ, Ismael, o.carm, *Los Carmelitas: VI – Figuras del Carmelo*, Madrid, BAC, 1996; SAGGI, L. "Carmelitane di Sacro Cuore di Gesù", in Pellicia Guerrino, Giancarlo Rocca, (dir.), *Dizionario degli Istituti di Perfezione*, vol. II, Roma, Edizioni Paoline, 1975, cols. 416-417.

JESUÉ PINHARANDA GOMES

SÍLVIA FERREIRA

CARMELITAS MISSIONÁRIAS

As Carmelitas Missionárias de Portugal, cuja sigla é CM, actuaes no nosso país desde 1960, pertencem à Província de Madrid desta Congregação, fundada na Catalunha, em 1860, e presente na Europa, na Ásia, em África, na América e na Austrália (Sidney). Foi seu Fundador o carmelita descalço Francisco Palau y Quer (1811-1872), beatificado pelo Papa João Paulo II a 24 de Abril de 1988. Define-se como congregação religiosa laical, de vocação contemplativa e missionária, e reflecte o carisma carmelita teresiano no mundo secular. Com uma raiz comum e com o mesmo ideário do carmelito missionário, desta Congregação se distingue, todavia, a das Carmelitas Missionárias Teresianas (CMT), em Portugal desde 1984.



Escudo das Carmelitas Missionárias (I)

O Fundador da Congregação, Francisco Palau y Quer, nasceu a 29 de Dezembro de 1811, na Catalunha, em Aytona (Lérida), e foi crismado em 1817. Estudou Humanidades, Filosofia e Teologia, de 1828 a 1832, no Seminário de Lérida, decidindo então ingressar no carmelito teresiano, pelo que tomou o hábito de carmelita descalço em 1832, no Convento de Barcelona (Congregação de Espanha), e o nome, em religião, de Francisco de Jesús María José. Naquele convento professa cerca de um ano depois, a 15 de Novembro de 1833, nele permanecendo até ao incêndio de 1835, acontecimento marcante nas circunstâncias políticas adversas, que o levarão, tal como a muitos religiosos carmelitas, à prisão, a viver exclaustrado e, mais tarde, a exilar-se.

Em Julho de 1835, de facto, o governo espanhol considera suprimida a Ordem dos Carmelitas Descalços em Espanha (ou Congregación de San José). Palau, todavia, Diácono desde Janeiro de 1834,

é ordenado Sacerdote a 2 de Abril de 1836, na Catedral de Basbastro, pelo Bispo Tiago Fort y Ruigo. Se até então conjugara o serviço pastoral com o isolamento contemplativo, desde 1839 intensifica a sua actividade missionária em diversas dioceses catalãs, vindo a receber o título de Missionário Apostólico (cuja confirmação solicita à Congregação Romana de *Propaganda Fide*, em 1854). Por mais de dez anos, de 1840 a 1851, viverá exilado em França, primeiro na zona de Perpignan, depois na Diocese de Montauban, junto do Santuário de Livron. Entre os seus companheiros de desterro conta-se o seu irmão Juan Palau e, entre os que o contactam, buscando direcção espiritual, um grupo de mulheres piedosas reunidas em torno de Teresa Christiá. Por volta de 1845-1846, conhecerá pessoalmente Juana Gratias Fabrè (Gramat, 1824-Barcelona, 1903), aquela que assumirá a direcção, em terras de Barcelona (Lérida e Aytona), dos primeiros grupos da sua obra de Fundador, cumprindo a "empresa" que Francisco Palau lhe destina em 1848, ao enviá-la para Espanha, e com a qual ele compartilhará trabalhos e ideais, mantendo um importante epistolário, significativo enquanto testemunho de um atribulado itinerário de vida e de pensamento.

Quando Palau regressa à Península Ibérica (1851) e à actividade pastoral em Barcelona, empreende toda uma mobilização de esforços em torno da Escuela de la Virtud, modelo de ensino catequético (incluindo ensino superior religioso), com enorme expansão e impacto de 1851 a 1854 nos meios culturais (também na imprensa), até naquele ano ser encerrada num ambiente violento e de calúnia, anticlerical e revolucionário. As vicissitudes históricas e um novo período de violentas perseguições (1854-1856) confinam Palau ao desterro em Ibiza, entre 1854 e 1860, mas em seu redor irá fomentar-se, como no passado, uma forma elementar de vida comunitária, de oração, trabalho e retiro, assim como a difusão da piedade mariana. Além disso, continuará uma assídua correspondência com os seus antigos colaboradores e combaterá pela reabilitação da escola (apologia de 1859) até ao veredicto judicial da sua inocência absoluta (1860). Será ainda mais intensa, a partir de então, a sua dedicação, sobretudo na Catalunha (Diocese de Barcelona) e nas ilhas Baleares (Ibiza e Formentera), ao ministério da pregação e das missões populares.

Precisamente em 1860, ao pregar em Ciudadela (Menorca), recebe uma inspiração transcendental, uma revelação sobre o Mistério da Igreja e o conhecimento inequívoco da sua Missão. Dará então início a um projecto de congregação e de fundações, com a primeira experiência comunitária de uma nova instituição religiosa iniciada por Juana Gratias em Ciudadela (Menorca), onde esta se fixa no Inverno de 1860. S.^a Cruz de Vallcarca (1862), em Barcelona, torna-se, por seu turno, no epicentro do carmelito missionário, que se solidificará nos anos imediatos, para se expandir pela Catalunha e Alto Aragón,



Francisco Palau y Quer, Fundador das Carmelitas Missionárias (1)

entre 1864 e 1868 (Graus, Huesca, 1866; Aytona 1868; depois Estadilla e El Vendrell 1869, Tarragona 1871). Contará Palau, segundo as circunstâncias, com mais algumas colaboradoras para mobilizar grupos e organizar novas casas, entre as quais as suas sobrinhas Rosa Ibars Palau e Teresa Jornet (1843-1897, Fundadora em Basbastro, em 1872, de uma nova congregação, a Congregación de las Pequeñas Hermanas de los Ancianos Abandonados, beatificada em 1958 e canonizada em 1974). Impunha-se consolidar, regular e oficializar, com apoio diocesano (de Menorca e Maiorca), a existência de comunidades femininas e masculinas de irmãs e de irmãos de espírito carmelita e, note-se, de vida activa, após o seu reconhecimento pela Ordem e agregação como terciários. As primeiras normas por ele elaboradas para as Irmãs datam de 1851, sendo modificadas em 1863-1864. Para os Irmãos, define regras desde 1862. Têm assim origem as Hermanas Terciarias Descalzas del Carmen (actuais CM e CMT), assim como os Ermitaños carmelitas, Hermanos de la Caridad Terciarios de la Orden del Carmen, extintos nos anos 30 da centúria seguinte, não sem sofrimento e martírio, durante a Guerra Civil espanhola (1936-1939).

Juana Gratias, pedra fundamental que Palau orientou desde o exílio em França e com a qual compartilhara ao longo de tantos anos (por vezes com fricções) uma mesma comunhão espiritual e a acção fundacional, numa vivência atribulada da missão de servir a Igreja com incondicional confiança em Deus, deu continuidade, após 1872, com sofrimento mas também com perseverança, à obra palautiana. Na sequência do trabalho de historiadores do carmelito descalço, mas aprofundando cada vez mais a investigação e o confronto crítico de testemunhos documentais, tem-se desenvolvido a pesquisa sobre

o carmelito missionário, apelando-se, com particular acuidade crítica por parte de investigadores membros deste, como Josefa Pastor Miralles, para uma revisão histórica sobre a Congregação de Espanha dos Carmelitas Descalços. Confrontando-se com as interpretações geralmente aceites, entre as quais a de Ildefonso Moriones, apela esta irmã carmelita missionária teresiana para um resgate da imagem do carmelito descalço missionário espanhol que, equivocadamente, só posteriormente à sua absorção pela congregação de Itália é abertamente classificado como missionário. Tal revisão implica investigação científica, alicerçada em novos pressupostos e num estudo aturado de documentação (parte da qual conhecida só a partir da década de 70 do séc. XX), assim como na reconstituição de percursos pessoais até hoje secundarizados, testemunhos de vida e de ideário ou de condicionantes epocais.



Juana Gratias Fabrè, primeira carmelita missionária (1)

Quando se comenta os acontecimentos de 1836 (supressão pelo Governo da Ordem dos Carmelitas Descalços em Espanha) e de 1876 (breve de unificação que suprime a congregação de Espanha), sublinha-se nesta nova proposta de abordagem a necessidade de rever épocas que na história do carmelito teresiano ficaram definidas (ou rotuladas) por "exclaustração" (desde 1836) e por "restauração" (supostamente ocorrida em Marquina, em 1868, mas de facto agregação e obra da congregação de Itália), tarefa essa só possível depois de uma investigação rigorosa sobre comunidades sobreviventes, itinerários e relações de numerosos carmelitas.

A suposta supressão da congregação espanhola não o foi nem real nem espiritualmente, isto apesar das perseguições e da dispersão dos seus membros. Tal violência terá, ao invés, favorecido a expansão missionária em diferentes províncias da Ordem e na congregação de Itália. Como prova, refere Josefa Pastor Miralles, no seu artigo publicado em 2002

("Francisco Palau, Misionero y Apóstol..."), temos os períodos de difícil relacionamento entre os governos e a Santa Sé (tempos também de negociações, nos anos 40 e 50, até à Concordata de 1851), mas em que se verificaram igualmente iniciativas e esforços com vista a fazer renascer a vocação missionária da antiga congregação de Espanha. A par da negociação de dependências institucionais e de propriedades, assim como de evidentes contrastes na vivência e na espiritualidade dos religiosos, coexistiram propostas de fundação de casas de missionários por parte das duas congregações, a de Espanha e a de Itália.

Este ambiente de renascimento missionário, apoiado pelo esforço constante de Maldonado (Fr. Juan de Santo Tomás de Aquino, 1810-1880), desde 1850, Geral e Comissário Apostólico da Congregação de Carmelitas Descalços de Espanha e Índias, por restaurar a sua congregação, terá, aliás, influenciado muito provavelmente a iniciativa de Francisco Palau y Quer de reforçar a sua condição de missionário apostólico, agregando-se à *Propaganda Fide*, em 1854 (com privilégios e indulgências para as missões renovados em 1867). Palau é reconhecido, aliás, por altas figuras da Igreja e por carmelitas descalços de Espanha e do México como figura proeminente da congregação de Espanha e com ele se relacionaram muitos outros irmãos em religião, corroborando a sua acção.

A sua actividade, enquanto pregador e catequista (destinado a recristianizar, a despertar a consciência cristã das famílias), foi intensa e persistente, levando-o a percorrer Ibiza e Formentera, Palma de Maiorca e grandes cidades como Madrid e Barcelona, sobretudo entre 1860 e 1863, e a dirigir missões populares (missões que as dioceses catalãs organizavam desde 1838), com estrondoso êxito em 1864-1866. A *Escuela de la Virtud*, que abriu em Barcelona em 1851 (suprimida pelas autoridades civis em 1854), escola esta de catequese para adultos e orientada para todos os estratos sociais carentes de formação religiosa, tivera, também ela, fortes repercussões socioculturais em Barcelona e nos arredores.

Considerando nas suas pregações uma metodologia apropriada aos seus destinatários, Palau apoiava-se num conjunto de colaboradores, sacerdotes e leigos. Nos anos 60, em plena organização de uma congregação de irmãs e de irmãos carmelitas terciários da congregação de Espanha, Francisco Palau y Quer desenvolve, em coordenação com os prelados, todo um plano missionário, executando-o segundo programas que visavam o envolvimento de comunidades e de paróquias, do clero e das autoridades no fomento da religiosidade popular, na formação religiosa e numa reforma moral e de costumes, atento como estava às transformações ambientais e sociais ocasionadas pelo progresso industrial, demográfico e comercial (zonas fabris com população crescente de imigrantes e em

condições precárias) e, em particular, à formação das novas gerações.

Para além de fundar e organizar, intensifica, entre 1860 e 1870, o seu ministério de pregador em terras de Espanha e a intervenção em novenas, tríduos, quaresmas e festividades. A todas as missões presidiu a imagem da Virgem do Carmo. Usará também da imprensa em benefício do apostolado. As suas qualidades proféticas e milagrosas trouxeram a Palau, contudo, sérios dissabores, denúncias e julgamentos, inclusivamente o cárcere. Os exorcismos que praticou, aliás com êxito, conduziram-no por duas ocasiões a Roma (1866 e 1870), para apresentar ao sumo pontífice e aos padres do Concílio Vaticano I as suas preocupações.

Morre em Tarragona, a 20 de Março de 1872, após um atribulado itinerário e todo um trabalho intenso de pregação das missões populares. "Vivo e viverei pela Igreja, vivo e morrerei por Ela", é o seu ideal ou a chave de toda a sua espiritualidade, encontrada em Cristo vivo no seu Corpo Místico, formado por Deus e os homens, *i. e.*, na Igreja, que designava como sua "Amada". É o amor a Cristo, a Maria e à Igreja, numa total dedicação, que polariza a sua vida e dá o significado e a unidade às diferentes formas de apostolado. Este alimenta-se com o sofrimento, com a oração e com o sacrifício, e dirige-se ao pobre, ao doente, à criança, ao jovem e à família.

A sua espiritualidade forjou-se, deste modo, num clima de guerra fratricida e de liberalismo anticlerical, desenvolvendo-se, da sua parte, através de uma busca incessante de soluções, vivida quer na mais repleta reclusão, quer em acções publicamente manifestas. Francisco Palau bateu-se pela paz, pela liberdade e pela verdade, catequizando, exorcizando e escrevendo, como pregador e como jornalista. Soube conciliar o seu espírito de iniciativa com tenacidade e com resistência passiva face às muitas dificuldades sofridas (perseguição, desterro, cárcere e críticas), transmitindo uma imagem de disponibilidade activa, tanto para com as autoridades, incluindo eclesásticas, como para com os acontecimentos e fenómenos sociais do seu tempo, testemunhos que procurava discernir. A sua experiência, deixou-a escrita, em *Mis Relaciones con la Iglesia* e em todo um significativo epistolário. Desde 1867 que a sua obra de Fundador e Director dos Carmelitas Terciários da Congregação de Espanha, agregados à Ordem dos Carmelitas Descalços, é reconhecida legalmente, podendo Francisco Palau y Quer reforçá-la através de novos Estatutos que destina aos Irmãos (1867) e de normas dirigidas às Irmãs, que consigna em 1872, em *Reglas y Constituciones* (impressas nesse mesmo ano).

A clarificação do carisma pelo Fundador foi paulatina, tal como a construção do seu projecto, mediante um discernimento dos imperativos divinos face ao contexto histórico. Em 1862, adverte, em cartas a Juana Gratias, que as leis civis e os bispos se opõem

à criação de conventos estritamente de vida contemplativa, exigindo que as religiosas se dediquem também ao serviço social, e insiste com ela, face às suas reservas, que a nova Congregação deve integrar as vocações de Maria, a contemplativa, e de Marta, a activa. Um apostolado activo irá, de facto, conduzir os seus filhos espirituais à assistência de doentes, em hospitais e ao domicílio, assim como integrá-los em escolas.

No espírito de S.^a Teresa de Jesus e fiel ao carisma contemplativo e missionário, Francisco Palau y Quer, Fundador das Carmelitas Missionárias, define o estilo de vida do carmelita descalço como apostólico, tornando inadequada a divisão entre oração e missão. Do encontro profundo com Deus, *contemplação*, no silêncio e na solidão emerge o serviço, impulso da missão urgente e infatigável para com o próximo. A Igreja é um corpo místico, ou "corpo moral perfeito", que reflecte a vitalidade de uma inter-relação e unidade perfeitas, indissociáveis, entre Cristo e o seu Corpo. Dessa concepção decorre a definição de Missão (simultaneamente contemplação e serviço, amor a Cristo e ao próximo), assim como a forma como se concilia com o diálogo com Deus a observação atenta do circundante (eventos e opiniões), através da qual se procura discernir a mensagem divina para actuar conforme esta. Afasta-se de uma identificação demasiado restrita entre missão e evangelização de povos pagãos de outras terras (extensiva, de facto, a cristãos não-católicos desde o séc. XVI). Redefine, em termos amplos, o apostolado missionário, considerando-o evangelização e promoção da vida cristã, aplicando-o também a outros sectores (colaboração com leigos, visão da mulher como agente activo de pastoral) e promovendo missões populares e rurais.

Nesta perspectiva, Palau aproxima-se, como salienta a carmelita missionária Marilena Milani na sua análise publicada em 2002 ("*Misión, Evangelización...*"), do conceito de evangelização ou missão da Igreja, tal como foi universalmente difundido após o Vaticano II, significando anúncio, acção e promoção humana, assim como da caracterização dada por João Paulo II à "nova evangelização" (conceito operativo e dinâmico), actualizada em métodos e em expressões, em virtude de se dirigir a um homem "novo", em termos de compreensão e de contexto cultural (recristianização).

Na verdade, a Evangelização, como fruto da caridade e de um amor ao próximo que é duplo e adjuvante a Deus e aos homens e concretizado na Igreja (por via da contemplação e da acção), já se definira em Palau com esta mesma capacidade de adaptação, de flexibilidade e de criatividade. Considerava que atender à actualidade e às urgências mais agudas do tempo e do meio tornariam a pregação mais incisiva e eficaz. Seguindo o espírito do carmelito teresiano, no qual se forjou o carisma palautiano reflectido nas suas Constituições, as Carmelitas Missionárias têm por vocação a íntima comunhão com Cristo total,

comunhão essa que se realiza na Igreja. A sua oração é eclesial e a sua vida é naturalmente mariana, uma vez que Maria se apresenta como o protótipo perfeito e acabado da Igreja, do seu mistério e unidade. A Congregação surge como fruto directo e imediato da mística eclesial, pela qual se orientou o carisma do Fundador e pela qual se orientam as suas filhas, no seu itinerário espiritual e missão apostólica.

No silêncio, na oração em comunidade, na vida fraterna, respondem à sua vocação. Sendo a sua vida religiosa de cariz apostólico, desenvolvem o apostolado sob diferentes e específicas formas: educação cristã, definindo Palau o ensino como o "grande e sublime ministério"; assistência no campo da saúde, "um dos actos mais sublimes da caridade"; actividade missionária; evangelização no campo social, através da dignificação humana e da assistência aos pobres, directamente ou por via institucional; catequese, adaptada às circunstâncias, lugar, tempo e pessoas; e promoção da vida espiritual, para que os crentes desenvolvam a dimensão contemplativa da Fé, na vida e nas realidades temporais.

O Carmelo missionário define-se como congregação religiosa laical. As Carmelitas Missionárias partilham o seu trabalho pastoral, paroquial e social com os leigos, numa missão conjunta de formar e de educar em valores humanos e cristãos e de reforçar a espiritualidade.



Grupo de irmãs em formação (1)

A forma como Francisco Palau y Quer definiu a missão não é alheia a uma observação atenta das vicissitudes históricas e a uma vivência atribulada. Conseguir, na actividade pastoral, uma resposta criativa adequada às circunstâncias, *i. e.*, fruto de um discernimento do momento histórico (integração e compreensão da mensagem divina), possibilitar-lhe-ia, na sua época, assim como hoje ao Carmelo missionário, tornar nova a humanidade, conduzir à transformação interior do homem, da sua consciência (pessoal e colectiva) e das suas acções.

As Carmelitas Missionárias assumem, também na presença de símbolos no seu escudo, a herança carmelita teresiana: a montanha estilizada apontando o céu e terminando numa cruz (que a Ordem dos Carmelitas Descalços de Espanha introduziu no séc. XVII), numa clara referência ao monte Carmelo, em Israel, lugar de origem da Ordem, à subida

espiritual e a um ideal de vida; as três estrelas (de cinco ou seis pontas), uma distinta ao centro e as duas outras de cada lado exterior das abas da montanha, evocam a inspiração mariana e um mesmo itinerário espiritual.

Palau serviu e amou a Igreja sua amada sob todas as formas: oração (eclesial, união com Cristo e comunhão) e apostolado (interdependência presente na formação carmelita teresiana), pregação, missões, direcção e acompanhamento espiritual, fundações. Foi evangelizador e missionário, enfatizando na sua própria experiência o quanto a doutrina incluía um programa de vida e de acção concreta, o quanto a actividade apostólica, sendo simultaneamente chamada da Igreja (motivação teológica) e missão, influenciava a sociedade. Trata-se de um programa de vida que traduz, naturalmente, virtudes apostólicas como a pobreza, o desprendimento ou a liberdade interior, a penitência, a confiança na Providência, o discernimento ("Consultar a Dios"), a sensibilidade eclesial e o espírito de obediência, a liberdade exterior em relação a políticas, a adaptação de formas de pregação do Evangelho.

As Carmelitas Missionárias firmam-se face aos problemas do mundo contemporâneo. Investem no diálogo intercultural e inter-religioso, partilhando a sua missão humana e cristã com todos os que buscam a espiritualidade, a paz, a solidariedade e o respeito pelo outro, sejam leigos ou religiosos, dando uma resposta evangélica aos problemas actuais.

Atentas à realidade contextual de cada lugar onde actuam, inclusive à situação socioeconómica, cultivando o amor pelo próximo num respeito pela sua diversidade cultural, empenham-se na revitalização da missão através de planos de formação (pastoral juvenil vocacional) e de reestruturação congregacional. À releitura do carisma, centralidade em Jesus, exercícios espirituais e experiência missionária, aliam-se a flexibilidade, o discernimento e a coerência no plano de formação. Viver a sua vocação é aprender também com Maria a viver a condição humana na sua peculiaridade feminina.

Com a Igreja procuram soluções e alternativas a fenómenos actuais, como o secularismo, a desestruturação familiar, a droga, a SIDA, a violência contra a mulher e as minorias étnicas, *i. e.*, males que tão gravemente atingem o tecido social, principalmente as crianças e os jovens. No que a estes respeita, visam um acompanhamento e uma orientação do seu desenvolvimento humano, educacional e cristão, bem como o das suas famílias, assegurando-se, nessa tarefa, da cooperação de profissionais.

A Congregação das Carmelitas Missionárias foi aprovada como Instituto de Direito Pontifício por Pio X, a 3 de Dezembro de 1907, uma vez agregada à Ordem dos Carmelitas Descalços e com as Constituições aceites por Roma desde 1906. Está presente na Europa, na América, na Ásia, em África e na Austrália (Sidney), em 39 países, com cerca de

252 casas e com mais de 2000 religiosas. A sua Casa Geral sedia-se em Roma. Organiza-se em 9 Províncias, uma Vice-Província e 4 Delegações. Na "Província Madre", *i. e.*, na Província de Barcelona, onde Francisco Palau e Juana Gratias (a Madre Juana, primeira carmelita missionária e sua principal colaboradora), juntamente com as primeiras irmãs, serviram e expandiram o carisma eclesial, contam-se tanto fundações centenárias como fundações muito recentes, pelas quais se distribuem 200 irmãs de 27 comunidades.

A Província de Madrid, por seu turno, na qual se integram as carmelitas missionárias de Espanha, Portugal e Roménia, conta com 156 irmãs de 22 comunidades, segundo dados apurados durante a visita pastoral a estas províncias, realizada entre Fevereiro e Maio de 2004.

Em Portugal desde 1960, as Carmelitas Missionárias iniciaram o seu percurso fundacional em Castelo de Vide (Alto Alentejo), passando por Viana do Castelo. A partir desta comunidade, um grupo de irmãs (espanholas e uma portuguesa), fundaram a primeira comunidade em África (Moçambique). Estas comunidades fecharam-se quando se fundaram as novas casas de Faro (Algarve), em 1976, e de Beja (Alto Alentejo), em 1979. Em 1995, deu-se outra fundação em Veiros (Estarreja), até 2006. O seu número tem variado entre 8 e 12 irmãs (estatística oficial de 2002), contando-se entre elas algumas em missão *Ad Gentes*, nomeadamente em África.

Pautando-se no ideário do Carmelo missionário fundado por Francisco Palau y Quer, têm desenvolvido trabalho no campo da formação escolar vocacional, na pastoral diocesana e social (protecção a menores), na Casa de S.^ª Isabel (Faro). Entre as suas iniciativas e meios de acção conta-se um lar, o Carmelo Missionário (Faro), vocacionado para a formação integral de jovens universitárias.

As oito irmãs carmelitas missionárias que vivem em duas comunidades actuais nas Dioceses de Beja e do Algarve são, na sua maioria, portuguesas e têm profissões de vincada intervenção social, seja no ensino, na saúde ou em empresas.

A experiência espiritual das Carmelitas Missionárias em Portugal concretiza-se no quotidiano, tal como ocorreu com a do seu Fundador. Segundo as suas regras doutrinárias, a vida contemplativa e a vida activa tornam-se indissociáveis.

Entre as revistas publicadas a nível internacional por este instituto religioso, cumpre aqui destacar o *Boletim da Congregação de Carmelitas Misioneras: Servicio Informativo* (Roma).

BIBLIOGRAFIA: Impressa: ALMAGRO, Melchior Fernández, *Historia Política de la España Contemporánea*, 3.^ª ed., Madrid, Alianza Editorial, [1967]; ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, 4 vols., Porto, Portucalense, 1967-1971; AUBACH, M. T., "La 'Escuela de la Virtud'. ¿Escuela

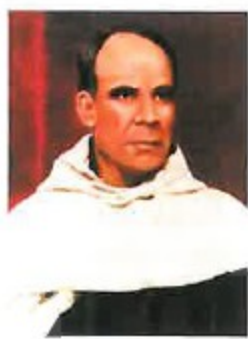
- de socialismo cristiano?", in *Analecta Sacra Tarraconensia*, n.º 44, 1971, pp. 99-150; AZEVEDO, Carlos Moreira (dir.), *Dicionário da História Religiosa de Portugal*, 4 vols., Lisboa, Círculo de Leitores/Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2000-2001; CARDENAL, Teodoro, "Conciencia de Iglesia y vida mariana en el B. Francisco Palau", in *Monte Carmelo*, n.º 96, 1987, pp. 7-12; CARDENAL, Teodoro, "Espíritu eclesial y misionero", in *Monte Carmelo*, 90, 1982, pp. 553-558; CARMELITAS MISSIONERAS, *Shelahani: I will go Where the Glory of God Calls Me: Iré Donde la Gloria de Dios Me Llame (F. Palau)*, Roma, CM/Casa Geral, 2000; CARMELITAS MISSIONERAS, *Curación Milagrosa de Doña Josefa Pardines, Atribuida a la Intercesión del Beato Francisco Palau*, Roma, CM, 1996; CARMELITAS MISSIONERAS, *Cuatro Martires Carmelitas Misioneras*, Burgos, Monte Carmelo, 1994; CARMELITAS MISSIONERAS, *Cursillo de Formación Sanitaria y Moral Profesional*, Tarragona, CM, 1960; CASANOVES, Gracia Navarro, "Dios Padre en el Beato Francisco Palau", in *Revista de Espiritualidad* 231 "El Rostro de Dios", n.º 58, 1999, pp. 255-282; CASTELLS, José Manuel, *Las Asociaciones Religiosas en la España Contemporánea (1767-1965)*, Madrid, s.n., 1967; *Cien Años al Servicio de la Iglesia: Carmelitas Misioneras Teresianas*, Tarragona, s.n., 1964; *Constituciones y Normas Complementarias*, Roma, s.n., 1983; CORAÇÃO DE JESUS, David do, ocd, *A Reforma Teresiana em Portugal*, Lisboa, s.n., 1962; *Documenta Primigenia*, vols. I (1560-1577) e II (1578-1581), Roma, Teresianum, 1973, vol. III (1582-1589), Roma, Teresianum, 1977; DOMÍNGUEZ, Olegario, "La doctrina de la Iglesia como Cuerpo Místico, según el P. Palau, OCD", in *Monte Carmelo*, n.º 80, 1972, pp. 323-372; DUVAL, Armand, *Le Bienheureux Francisco Palau ou la Fécondité de l'Échec*, Paris, Guibert, 2003; FERNÁNDEZ, Tomás Álvarez (dir.), *Diccionario de Santa Teresa: Doctrina e Historia*, Burgos, Monte Carmelo, 2002; FERNÁNDEZ, Tomás Álvarez (dir.), *Diccionario de Santa Teresa de Jesús*, Burgos, Monte Carmelo, 2002; FERNÁNDEZ, Tomás Álvarez, *Estudios Teresianos*, Burgos, Monte Carmelo, 1995-1996; FERNÁNDEZ, Tomás Álvarez, "P. Francisco Palau y Quer", in *Monte Carmelo*, 94, 1986, pp. 304-308; FORTES, Antonio (ed.), *Ordo Fratrum Carmelitarum Discalceatorum/ Archivo General: Las Misiones del Carmelo Teresiano - 1584-1799*, Roma, Documentos del Archivo General de Roma, MHCT, 1997; FUENTE, Vicente de la, *Historia Eclesiástica de España*, Madrid, s.n., 1875; GARCÍA, María Lourdes, "Entre dos manos enlazadas 'La obra de Dios': el P. Palau y la M. Juana, Artífices del Carmelo Misionero", in *Monte Carmelo*, n.º 80, 1972, pp. 579-643; GONZALEZ, Ramiro Viola, *Historia de la Congregación de Carmelitas Misioneras Teresianas: I. El Fundador P. Francisco Palau y Quer Varón de Contrariedades, II. Raíces y Carisma*, 2 vols., Burgos, CMT/Casa Geral, 1986, 1995; HOURS, Bernard (org.), *Carmes et Carmélites en France du XVII^e Siècle à Nos Jours*, Actes du Colloque de Lyon (25-26 septembre 1997), Paris, Editions du Cerf, 2001; HUEGA, Alvaro, "El P. Francisco Palau y la Eclesiología de su tiempo", in *Monte Carmelo*, n.º 80, 1972, pp. 281-322; IBÁÑEZ, J. M. Palomares, "Congregaciones femeninas españolas y asistencia social en el siglo XIX", in *Estudios Josefinos*, n.º 78, 1985, p. 201 ss; INMACULADA, Idelfonso de la, ocd, "Pensamiento eclesiológico del P. Francisco Palau y Quer", in *Monte Carmelo*, n.º 80, 1972, pp. 263-280; JESÚS CRUCIFICADO, Gregorio de, ocd, *Las Carmelitas Misioneras, I: Sus Orígenes*, Barcelona, s.n., 1967; JESÚS CRUCIFICADO, Gregorio de, ocd, *100 Años de Vida Carmelitana: Efemérides de las Carmelitas Descalzas Misioneras, 1860-1960*, Bilbao, s.n., 1960; JESUS, Santa Teresa, *Obras Completas*, Org. Fr. Tomás de la Cruz [Álvarez], 7.ª ed., Burgos, Monte Carmelo, 1994; *La Règle de l'Ordre de la Bienheureuse Vierge-Marie du Mont-Carmel*, Apresentação do P.º Martin Battmann, s.l., s.n., 1982; LARROYA, Gabriel Beltrán i, ocd, *Catálogo de los Superiores Generales del Carmen Descalzo (1581-1597) y de la Congregación Española*, Roma, Teresianum, 1995; LARROYA, Gabriel Beltrán i, ocd, (ed.), *Carmelitas Descalzas de Cataluña y Baleares: Documentación Histórica, 1588-1988*, Roma, Teresianum, 1990; LARROYA, Gabriel Beltrán i, ocd, "Hermanos Carmelitas Descalzos Terciarios", in *Monte Carmelo*, n.º 96, 1988, pp. 225-262; LARROYA, Gabriel Beltrán i, ocd, (ed.), *Fuentes Históricas de la Provincia OCD de San José*, Roma, Teresianum, 1986; LARROYA, Gabriel Beltrán, *Síntesis Histórica dels Carmelites Descalços a Catalunya i Balears (1586-1939)*, Barcelona, s.n., 1986; *Las Doncellas Pobres: Sus Reglas y Constituciones*, Roma, CMT, 1987; *Legislación*, Roma, CMT, 1977; *Les Plus Vieux Textes du Carmel*, Apresentação pelo P.º François de Sainte-Marie, Paris, Éditions du Seuil, 1961; LLAMAS, Román, ocd, "La figura de San Elías en la vida e ideario del B. Palau", in *Monte Carmelo*, n.º 96, 1988, pp. 131-145; MACCA, Valentino, "Carmelitane scalze", in Guerrino Pelliccia, Giancarlo Rocca, *Dizionario degli Istituti di Perfezione*, vol. II, Roma, Edizioni Pauline, 1974; MACCA, Valentino, "Carmelitani scalzi", in Guerrino Pelliccia, Giancarlo Rocca, *Dizionario degli Istituti di Perfezione*, vol. II, Roma, Edizioni Pauline, 1974; MAROTO, Daniel Pablo de, "El carisma de un fundador", in *Misionero a la Intemperie: Francisco Palau y Quer*, San Sebastián/Vitoria, La Obra Máxima/El Carmen, 1988, pp. 115-166; MAROTO, Daniel Pablo de, *Francisco Palau*, Roma, CM-Casa Geral, [1988]; MAROTO, Daniel Pablo de, "La experiencia de Dios en el B. Francisco Palau y Quer", in *Revista de Espiritualidad* 188 "Francisco Palau y Quer", n.º 47, 1988, pp. 427-456; MEJIA, Rafael, *Carmelos del Mundo*, Burgos, Monte Carmelo, s.d.; MILANI, Marilena, cm, "Misión, Evangelización, 'Nueva Evangelización' según el Beato Francisco Palau y Quer", in *Monte Carmelo*, 110, n.º 13, 2002, pp. 739-771; MIRALLES, Josefa Pastor, "Francisco Palau, Misionero y Apóstol de la Congregación de España de Carmelitas Descalzos", in *Monte Carmelo*, v. 110, n.º 13, 2002, pp. 659-737; MIRALLES, Josefa Pastor, "Escola de la Virtut", in Ramon Corts i Blay, et alii, *Diccionari d'Historia Eclesiàstica de Catalunya*, vols. II e III, Barcelona, Editorial Claret, 2000-2001; MIRALLES, Josefa Pastor, "Palau i Quer, Francesc", in Ramon Corts i Blay, et alii, *Diccionari d'Historia Eclesiàstica de Catalunya*, vols. II e III, Barcelona, Editorial Claret, 2000-2001; MIRALLES, Josefa Pastor, *Hermanos Carmelitas Terciarios Fundados por Francisco Palau Quer, de Jesús María José, OCD: Biografías*, Roma, CMT, 1998; MIRALLES, Josefa Pastor, "Misionero apostólico", in *Misionero a la Intemperie: Francisco Palau y Quer*, San Sebastián-Vitoria, La Obra Máxima/El Carmen, 1988, pp. 40-84; MIRALLES, Josefa Pastor, "La predicación del P. Francisco Palau en Barcelona (1851-1854)", in *Monte Carmelo*, n.º 80, Editorial Monte Carmelo, 1972, pp. 503-575; MORIONES, Ildefonso, *El Carisma Teresiano y Sus Problemas de Memoria Histórica*, Vitoria, Ediciones El Carmen, 1997; MORIONES, Ildefonso, *El Carmelo Teresiano: Páginas de Su Historia*, Vitoria, Ediciones El Carmen, 1978; PACHO, Alberto, "Brote del Carmelo teresiano: Historia de las Carmelitas Misioneras", in *Monte Carmelo*, n.º 101, 1993, pp. 581-587; PACHO, Eulogio, *Historia de la Congregación de las Carmelitas Misioneras, I. Orígenes y Primeros Pasos - 1845-1885: El Fundador, Francisco Palau y Juana Gracia/ II. Aprobación Pontificia, Expansión en España, Encuentro con América: 1885-1935/ III. Prueba, Renacimiento, Expansión en España y América 1936-1950/ IV. A La Meta del Primer Centenario, Decenio Pletórico: 1950-1960*, 4 vols., Roma, CM, 1991-2003; PACHO, Eulogio (ed.), *San Juan de la Cruz: Obras Completas*, 8.ª ed., Burgos, Monte Carmelo [2003]; PACHO, Eulogio, *Estudios Carmelitinos*, Burgos, Monte Carmelo, [1998]; PACHO, Eulogio, *Estudios Palautianos*, Burgos, Monte Carmelo, [1998]; PACHO, Eulogio, *Estudios Sanjuanistas*, 2 vols., Burgos, Monte Carmelo, [1997]; PACHO, Eulogio, "El Beato Francisco Palau y Quer: experiencia de la Iglesia", in *Monte Carmelo*, n.º 101, 1993, pp. 187-217; PACHO, Eulogio, *Beato Francisco Palau y Quer: Atleta del Espíritu*, Roma, CM, [1988]; PACHO, Eulogio, "Curioso texto palautiano sobre la constitución jerárquica de la Iglesia", in *Monte Carmelo*, n.º 96, 1988, pp. 165-177; PACHO, Eulogio, *El Misterio de la Iglesia, Vivencia y Proyección: Misionero a la Intemperie*, San Sebastián, 1988, pp. 86-144; PACHO, Eulogio, "Francisco Palau, Fundador", in *Monte Carmelo*, n.º 96, Editorial Monte Carmelo, 1988, pp. 203-223; PACHO, Eulogio, "La investigación palautiana: novedades recientes", in *Monte Carmelo*, n.º 96, Editorial Monte Carmelo, 1988, pp. 105-130; PACHO, Eulogio, *P. Francisco Palau y Quer: Uma Paixão Eclesial*, Roma, CM, 1987; PACHO, Eulogio, "Carmelitas Misioneras: Nueva legislación", in *Monte Carmelo*, n.º 93, 1985, pp. 337-354; PACHO, Eulogio, "Los escritos del P. Francisco Palau", in *Monte Carmelo*, Editorial Monte Carmelo, n.º 80, 1972,

pp. 137-259; PACHO, Eulogio, "Presentación: volumen dedicado al P. Francisco Palau", in *Monte Carmelo*, n.º 80, Editorial Monte Carmelo, 1972, pp. 1-3; PELAYO, M. Menendez y, *Historia de los Heterodoxos Españoles*, Madrid, BAC, 1956; *Positio super Introductione Causae et Virtutibus ex Officio Concinnata*, Vaticano, s.n., 1979; *Reglas y Constituciones de la Orden Terciaria de Carmelitas Descalzos de la Congregación de Espana*, Barcelona, s.n., 1872; SÁNCHEZ, Luisa Ortega, *Una Catequesis de Adultos: La Escuela de la Virtud (1851-1854): Enseñanza Religiosa Sistemática y Sentido de Misión*, Madrid, EDE, 1988; SÁNCHEZ, Manuel Diego, "Bibliografía del Padre Francisco Palau", in *Cuadernos Palautianos*, Roma, CMT, 1984; SANTA TERESA, Silverio de, ocd, *Historia del Carmen Descalzo en España, Portugal y América*, 15 vols., Burgos, Monte Carmelo, 1935-1953; *Textos de las Fuentes: Constituciones*, Roma, s.n., 1983; *Una Figura Carismática del Siglo XIX: El P. Francisco Palau y Quer*, ocd, *Apóstol y Fundador*, Burgos, s.n., 1973; *Vida e Transparencias do Beato Francisco Palau y Quer Carmelita Descalço*, Trad. por Fr. Antonio João Perim, [Roma], CMT, 1989; VIRGEN DEL CARMEN, Alberto de la, ocd, *Historia de la Reforma Teresiana (1562-1962)*, Madrid, s.n., 1968; VIRGEN DEL CARMEN, Alejo de la, ocd, *Vida del P.º Francisco Palau Quer*, ocd: 1811-1872, Barcelona, s.n., 1933; *Vivir: Un Desafío – IX Capítulo Provincial*, Barcelona, CM, 1985; *Vocación del Carmelo Misionero*, Sept. de I Capítulo de los Documentos Capitulares, Roma, CM, 1970. **Digital:** www.carmelitas.pt; www.carmel mis.org.

MARIA LEONOR GARCÍA DA CRUZ

CARMELITAS MISSIONÁRIAS TERESIANAS

Deve-se a Francisco Palau y Quer (Aytona, 1811-1872) a fundação da Congregação das Carmelitas Missionárias Teresianas (CMT). Um breve périplo pelas datas mais significativas da vida deste religioso permite compreender as suas acções e a sua vocação apostólica e missionária. Em 1828, com 17 anos de idade, ingressou no Seminário Diocesano de Lérida, onde se dedica a estudos de Filosofia e Teologia, vindo a abandoná-lo quatro anos depois, para ingressar na Ordem do Carmelo Descalço,



P.º Francisco Palau y Quer (I)

concretamente no Convento de S. José, localizado na cidade de Barcelona. Em 1832, toma o hábito carmelita e, um ano depois, realiza a profissão solene na Ordem dos Carmelitas Descalços. O ano de 1835 viria a revelar-se conturbado, pois a Espanha, sob a dominação francesa, estava envolvida em guerras internas, a fim de reconquistar a sua soberania. A ocupação francesa e a chamada "Guerra da Independência" dos espanhóis, entre 1808 e 1813, deixou o país devastado e a população carente de bens essenciais. Todo o séc. XIX é marcado, em Espanha, por guerras e revoluções, por lutas fratricidas entre Liberais e Carlistas, semeando instabilidade e miséria entre as populações. Este período conturbado da história espanhola foi ainda assinalado por fortes perseguições à Igreja Católica, que teve como grande ponto de chegada a Guerra Civil de 1936-1939, a expulsão das ordens religiosas e a violenta onda de anticlericalismo, que resultou em centenas de assassinios de padres e freiras. Em consequência desta conjuntura política adversa, Francisco Palau y Quer vê-se obrigado, na companhia dos seus irmãos carmelitas, a abandonar o Convento de S. José, entre as chamas de um incêndio provocado numa noite de assassinatos e destruição de conventos. Em 1836, a sua vida religiosa toma novo rumo e é ordenado Sacerdote na Catedral de Barbastro, por D. Santiago Fort y Puig, Bispo da diocese. Quatro anos mais tarde, é nomeado Missionário Apostólico, passando a dedicar a sua vida à evangelização, missão que temperava com longas horas dedicadas à oração, à solidão e ao silêncio, vocação carmelita que nunca obliterou da sua vida religiosa.

Segundo a sua história de vida, a inspiração para fundar uma nova congregação terá surgido durante uma pregação na novena das almas em Ciudadela, Diocese de Menorca. Essa experiência espiritual e inspiradora sobre o mistério da Igreja impulsiona os primeiros planos da fundação daquela que viria a ser a sua Congregação, planos esses apoiados pela autoridade eclesíastica da Diocese de Menorca. O ano de 1860 concretiza o sonho de Palau y Quer ao assinalar a data da fundação de uma nova família religiosa, a Congregação das Carmelitas Missionárias Teresianas, as quais vêem a aprovação pontifícia da sua Congregação e das Constituições no ano de 1902, com nova aprovação das Constituições em 1906. Francisco Palau y Quer foi beatificado em 1988 por sua santidade o Papa João Paulo II. A data de fundação em território português aconteceu em Abril de 1984, na Casa do Santuário do Menino Jesus de Praga, em Avesadas, Marco de Canaveses. Actualmente, as Religiosas Carmelitas Missionárias Teresianas a residir em Portugal são em número de 3, sediadas em Currelos, Carregal do Sal, Diocese de Viseu: Ir. Manuela Delegado, Delegada da Superiora Provincial, Glória Pacheco e Rosa Ajuriago-gasca, estando ligadas à província religiosa de Madrid.



Comunidade de Currelos, Carrega do Sal, fundada a 29 de Dezembro de 2007 (I)

As Irmãs Carmelitas Missionárias Teresianas vivem a sua fé no seguimento do exemplo espiritual do seu Fundador, para quem ser carmelita missionário teresiano constituía ser herdeiro da doutrina dos santos do Carmelo: Teresa de Jesus e João da Cruz. Essa herança espiritual traduz-se no sentimento de pertença e intervenção na comunidade carmelitana de cada um dos seus membros, os quais vivem uma espiritualidade que privilegia o sentido de comunhão com Deus e com o seu corpo místico, e a acção apostólica que realizam como serviço à Igreja, família de irmãos. Este carisma revela-se e é actuante segundo três princípios fundamentais da Congregação: vida fraterna, vida orante e vida missionária.



Cova onde o P.º Francisco Palau se retirava para orar, em Aitona, Lérida (I)

Por vida fraterna, a Congregação das Carmelitas Missionárias Teresianas entende uma unidade de vontades e de vocações dos seus membros para dar testemunho do mistério, da presença e da vida da Igreja. A fé inabalável na presença de Cristo no mundo e a vontade de testemunhar esse amor mútuo promove, entre as Carmelitas Missionárias Teresianas, uma comunidade estruturada na fé, na esperança, na oração e no serviço apostólico, que promovem com espírito de família. Cada uma das comunidades das Carmelitas Missionárias Teresianas tem por orientação e lema interno a promoção dos valores da pessoa e a criação de um ambiente saudável e propício à convivência e ao diálogo, que possibilite a cada uma das irmãs a sua valorização e o seu crescimento pessoal. A acção destas religiosas em vida fraterna e comunitária pauta-se, ainda, pelos valores da simplicidade, familiaridade e confiança,